

Johannes KABATEK (Ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana — Serie Lingüística Iberoamericana 31. 2008. 275 pp.
ISBN: 9788484893455

Clara Barros
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
– Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)
mbarros@letras.up.pt

A obra em análise é constituída por uma introdução, da autoria do editor, e dez artigos de autoria individual. Na origem do conjunto de trabalhos agora publicados esteve um encontro de especialistas de sintaxe histórica do espanhol, que teve lugar em Tübingen, no ano de 2005. São retomadas e desenvolvidas no presente volume as inovadoras concepções teóricas e metodológicas apresentadas numa obra anterior, da mesma colecção (Jacob & Kabatek, Eds., 2001), igualmente colectiva e igualmente resultante de um colóquio de hispanistas (Universidade Humboldt de Berlim, 1999).

Na *Introdução* (pp.7-16), Joannes Kabatek define a metodologia e suas implicações teóricas e apresenta muito sucintamente o teor dos dez trabalhos reunidos neste volume que constituem contributos de investigadores de diversas universidades (figuram, no final do livro, indicações precisas sobre os contactos de todos os autores).

Começa por fazer uma breve definição do conceito de *tradições discursivas* que teve o seu início na romanística alemã, a partir da teoria proposta por E. Coseriu. Sublinha a necessidade de integrar este conceito na teoria linguística, apresentando uma “hipótese forte” da

teoria das tradições discursivas: a história de uma língua varia também de acordo com as tradições dos textos e estas podem condicionar a selecção de elementos linguísticos adoptados a partir de outros sistemas. Defende, portanto, que deve considerar-se redutora uma linguística histórica que não tenha em conta a diversidade textual. Faz ainda aproximações deste conceito ao conceito de género e a conceitos propostos por classificações tipológicas de textos. O objectivo principal é a ampliação da teoria linguística pela inclusão da tradição textual nos estudos linguísticos, contemplando a tradição de textos concretos, a tradição de formas textuais, de elementos, lugares e tópicos. Kabatek propõe mesmo a integração do conceito de tradições discursivas não só na linguística histórica mas também na sincrónica. Chama a atenção para o facto de na história das línguas só existirem textos e tradições textuais e aponta a particular relevância das tradições discursivas para a análise dos percursos de gramaticalização da sintaxe histórica, em particular o movimento de integração de fenómenos periféricos.

Os artigos compilados centram-se na análise de diversos fenómenos que ilustram a necessidade e a utilidade da inclusão do conceito de *tradições discursivas* na linguística histórica em geral e em particular nas questões de sintaxe histórica, não considerada isoladamente mas em ligação com fenómenos de evolução morfológica e lexical. No seu conjunto, os textos dos diferentes autores defendem que, como refere Joannes Kabatek na *Introdução*, a tomada em conta da tradição dos textos nos estudos de sintaxe histórica ou até de sintaxe em geral deveria tornar-se um elemento fundamental da investigação linguística e não 'uma ideia exótica'. A corrente de linguística histórica que integra o conceito de tradições discursivas estuda a actividade linguística de diferentes sujeitos e seus resultados nos textos e na própria língua em que são produzidos. Surgem novas formas de organização dos enunciados, com novos meios para exprimir relações e uma conseqüente ampliação dos meios de conexão intra e interfrásica que apresentam também uma maior precisão semântica. No uso dos diferentes textos de tradições diversas, não só se vai enriquecendo progressivamente o inventário de morfemas com funções relacionais, mas também as suas possibilidades combinatórias.

Os dois primeiros artigos abordam claramente aspectos teóricos da questão das tradições discursivas dentro da teoria da linguagem.

No primeiro – *Gramaticalización, Género discursivo y otras variables en la difusión del cambio sintáctico* (pp.17- 52) –, da autoria de Concepción Company Company, a A. analisa os novos valores de certas formas e o caminho que percorrem a partir do uso em contextos muito marcados ou específicos para a progressiva perda de restrições de emprego. Faz notar que nesses processos de gramaticalização – processos históricos pelos quais se criam novas formas ou novos mecanismos de expressão gramatical – não há uma imediata anulação dos usos tradicionais de acordo com a propriedade de estratificação de Hopper (que refere na p.18). Fundamentalmente, a A. determina neste trabalho as seis variáveis que podem incidir num percurso de gramaticalização:

1. Profundidade histórica ou antiguidade da mudança em questão.
2. Aspecto fónico da forma ou da construção inovadora.
3. Frequência de emprego das formas ou construções conservadora e inovadora.
4. Tipo de categoria que experimentou a mudança.
5. Tipo de sociedade que usa a língua.
6. Género textual ou tradição discursiva da manifestação do fenómeno.

As quatro primeiras variáveis são definidas como internas ao sistema enquanto que as duas últimas são consideradas externas ao mesmo. Na determinação do carácter de fenómeno interno ou externo ao sistema, a A. defende que o processo de gramaticalização é interno, mas a sua expansão depende do estrato social dos grupos que usam as novas formas. Fazendo apelo à necessidade de incorporar a dimensão social à gramaticalização, já sublinhada por Jacob em 2003, a A. abre o âmbito de estudo destes fenómenos de mudança numa direcção que foi encetada por numerosos trabalhos que se reclamam de uma sociolinguística histórica. Não só estuda a relação entre tradição discursiva e sintaxe histórica, mas discute esta questão no âmbito, e dentro dos parâmetros, de uma teoria integradora da mudança que a leva a identificar as já referidas seis variáveis centrais, sendo a última,

como se viu, a tradição dos textos. O artigo exemplifica cada uma das variáveis e evidencia a complexidade dos fenómenos de mudança histórica. Incita à reflexão sobre a questão da pertinência relativa das diferentes variáveis agora definidas, questionando a necessidade de estabelecer uma ordem de prioridades. Parece deixar à reflexão certas questões como a de saber se a 'tradição discursiva' será só mais um factor na mudança ou se terá um lugar fixo na hierarquia ou uma importância variável conforme o fenómeno de mudança. Este artigo dá sem dúvida algumas respostas sobre o processo de difusão da mudança linguística e debate aspectos centrais da integração do conceito de tradições discursivas na teoria linguística geral.

Também o artigo de Peter Koch – *Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento “vuestra merced” en español* (pp. 53-88) – está direccionado para a reflexão teórica sobre a importância do estudo das tradições discursivas na mudança linguística, discutindo o lugar do conceito teórico de tradição discursiva na teoria da mudança linguística e da linguagem em geral. A transposição (“o transplante” pp.66-68) de determinadas regras discursivas para o romance podia fazer-se, na opinião do A. segundo dois percursos. No primeiro, o romance penetra numa tradição discursiva até então reservada ao latim como língua de distância. Por consequência, o romance procede por “imitação” dos procedimentos da tradição discursiva alheia. Fala-se, neste caso, de uma situação de contacto linguístico. Na segunda hipótese, o procedimento em questão passa da tradição discursiva original a outra tradição afim já aberta ao romance. Segundo o A., na história do castelhano e dos idiomas ibéricos em geral, desenham-se ambos os percursos como tenta mostrar aplicando os conceitos definidos à história das formas de tratamento em espanhol, desde o latim até à forma “usted”, que constitui um novo paradigma, fazendo uma transição em que a tradição discursiva e a filiação diplomática ocidental estabelecem um longo caminho entre a inovação esporádica e a generalização. Este trabalho analisa abundante exemplificação textual, de variada tipologia, de tradição literária e não literária, com alguma incidência em textos de natureza epistolar particularmente adequados ao estudo de formas de tratamento; utiliza trabalhos prévios realizados neste campo nomeadamente os de Wright, Primorac e Eberenz.

Os restantes oito artigos deste volume abordam prioritariamente questões metodológicas e aspectos concretos que tentam identificar tradições discursivas particulares ou relacionar as evoluções de certos fenómenos linguísticos com certas tradições discursivas.

Rafael Cano Aguilar, no terceiro artigo – *Los gramáticos españoles del Siglo de Oro: ¿Tradición discursiva, lengua especial?* (pp. 89-108)–, estuda uma tradição concreta que identifica como um “estilo particular” da gramaticografia espanhola a partir de Nebrija, cujas características incluem elementos léxicos, formulaicos, a tradição terminológica e também certos fenómenos sintácticos que, para além do estilo pessoal de cada autor e das tendências gerais observadas na língua da época, são identificáveis como pertencentes a essa tradição com forma linguística própria, inserida por sua vez noutra tradição afim desenvolvida na época.

No quarto artigo – *Apuntes para una caracterización de la morfosintaxis de los textos bíblicos medievales en castellano* (pp.109 - 126) –, Andres Enrique-Arias procura fazer um levantamento tipológico de traços sintácticos característicos dos romanceamentos bíblicos do castelhano medieval. Baseando-se na análise de uma série de versões de “El Libro de Isaías”, descreve certos traços sintácticos hebraizantes e outros arcaizantes que marcam a tradição bíblica (profética, neste caso) como claramente diferenciada de outras tradições medievais. Analisa num primeiro momento as estruturas gerais que ocorrem com certa frequência, destacando a elisão de cópula, as perguntas retóricas introduzidas por *si*, *cierto*, *por ventura* ou sem introdutor. E analisa também a tradução do participio activo semítico ou do participio nominal por construções com o participio presente, substantivos de verbais ou construções relativas. Estuda ainda estruturas particulares que ocorrem com menor frequência. O A. sublinha a importância da análise quantitativa dos dados, que poderá permitir uma avaliação do alcance de cada estrutura em cada texto. Os resultados deste estudo permitem um levantamento dos recursos linguísticos que se encontravam disponíveis na língua medieval revelados nas diferentes soluções encontradas pelos tradutores. A análise do estilo bíblico na língua românica medieval detecta a dependência de uma série de línguas de origem e a presença significativa de uma tradição, com a consequente dificuldade de adaptação a uma outra actualidade realidade.

O projecto explicitado neste trabalho está incluído num outro, mais amplo, de tratamento da linguagem bíblica, sediado na universidade de Tübingen; beneficia assim de colaboração na aplicação de análises quantitativas aos textos bíblicos.

Mario Barra Jover, no artigo *Tradición discursiva, creación y difusión de innovaciones sintácticas: la cohesión de los argumentos nominales a partir del siglo XIII* (pp.127-150), analisa a estrutura dos argumentos nominais em diversas línguas românicas no período medieval. Parte da hipótese de que no momento em que o latim fica nitidamente separado do romance, numa época que, embora diferindo um pouco de língua para língua, se encontra definitivamente estabilizada no período posterior ao século XIII, o romance pode utilizar o latim como adstrato e adoptar diferentes tradições discursivas que são, entre outras, fonte de inovações sintácticas. O A. descreve alguns fenómenos de coesão nominal que permitem formar linhas de coerência por relações coreferenciais ao longo de um texto de dimensões variáveis. Estes meios constituem mesmo um recurso que permite a organização de um texto extenso. Os elementos de coesão analisados procedem de uma tradição escrita, mas o seu uso difundido pode até penetrar na tradição oral, como acontece no caso de *o qual* e *o dito*.

Rolf Eberenz, no artigo "*Ninguno quiere del agua turbia beber*": *sobre construcciones partitivas y su representación en algunos géneros textuales del español preclásico* (pp.151-172), demonstra que a história de uma mudança — o uso de construções como "beber del agua" perdido no espanhol médio (também designado como o outono da Idade Média) para expressões não específicas — não corresponde a uma evolução linear mas depende em grande medida dos textos particulares e das respectivas tradições onde aparecem as construções partitivas. O A. critica as teorias da mudança linguística que observam de fora a evolução de elementos isolados sem diferenciar as tradições discursivas, preconiza a utilização de outras fontes de informação e afirma que o estudo da mudança linguística poderá sempre encontrar outra visão dos fenómenos se tiver em conta a diversidade textual.

O sétimo artigo desta obra — *Tradiciones discursivas y gramaticalización del discurso referido en el "Rinaldo de Palacio" y las "Crónicas" del Canciller Ayala* (pp. 173 -196) — é da autoria de José Luis Girón Alconchel. Debate a questão teórica do lugar das tradições

discursivas no âmbito da teoria da gramaticalização e, por outro lado, analisa concretamente o exemplo da gramaticalização do discurso relatado, partindo do discurso directo num contínuo entre oração recta, oração mista e oração oblíqua. Salaria que existe grande dependência da selecção dos meios não tanto em relação a factores diacrónicos mas sobretudo em relação à competência de distinguir entre diferentes tradições discursivas, o que o A. demonstra analisando duas obras de índole diversa escritas pelo mesmo autor.

O artigo seguinte — *El peso de la tradición discursiva en un proceso de textualización: un ejemplo en la Edad Media castellana* (pp.197- 224) —, é da autoria de Lola Pons Rodríguez . A A. analisa esquemas de junção representativos de diferentes tradições discursivas que se traduzem em processos de textualização. Utilizando a metodologia do grupo de Tübingen, alia no seu trabalho uma análise filológica rigorosa e uma análise linguística inovadora. Demonstra, neste trabalho, que a inclusão de uma característica de determinada tradição discursiva num outro tipo de texto se pode tornar marca específica da nova forma de textualização.

O penúltimo artigo do volume — *Dinámica de estructuras acanciales en los Siglos de Oro: el ejemplo del verbo encabalar* (pp. 225-248) —, escrito por Wulf Oesterreicher, analisa obras do século XVI, de carácter metalinguístico, e observa a evolução do verbo ‘encabalar’ em que se verifica uma alteração de uso e de estrutura argumental. O estudo parte da análise detalhada dos textos e do contexto cultural que os envolve, única garantia para o estabelecimento dos sucessivos momentos do percurso de mudança. O A. reflecte sobre a relação entre variedades e tradições discursivas e critica certas análises quantitativas de dados que classifica de cegas (esquecendo, a meu ver, algumas virtudes inegáveis dessas análises).

O último artigo deste livro, da autoria de Salvador Pons Boodería, intitula-se *Gramaticalización por tradiciones discursivas: el caso de esto es* (pp. 249-274). A partir da análise de textos jurídicos, em que observa algumas das mais antigas ocorrências de ‘esto es’, o A. mostra como esta estrutura parte do valor textual preexistente, o do latim *id est*, transitando para outros textos dentro do mesmo género discursivo como, por exemplo, os da legislação de Afonso X, e mesmo para outros géneros como a prosa científica e as traduções.

O A. demonstra que em finais do séc. XV a construção analisada já se encontra numa ampla variedade de textos, convergindo na mesma função que 'a saber', até estabilizar no moderno e corrente introdutor de reformulação.

No seu conjunto, os artigos reunidos neste volume perseguem dois objectivos fundamentais: a apresentação de diversos aspectos da concepção de uma nova perspectiva sobre a sintaxe histórica do espanhol a partir das tradições discursivas; e a sugestão da utilidade da aplicação deste conceito à história de outras línguas, românicas e não românicas, generalizando assim esta aproximação teórico-metodológica.

Os resultados aqui apresentados no âmbito do estudo da sintaxe histórica do espanhol inserem-se num projecto de estudos romanísticos da universidade de Tübingen que se propõe analisar a estrutura de dados linguísticos, as tradições discursivas das línguas românicas e realizar uma análise quantitativa e pluridimensional de *corpora* históricos. Trata-se um projecto que alia, entre outros aspectos, o trabalho de ordem filológica e a análise computacional. Disponibiliza ainda informações acerca do projecto TRADISC, programa informático de tratamento semi-automático de dados, que permite diferentes tipos de análises com possibilidade de extrair conclusões acerca dos textos e das tradições em que estão inseridos. Disponibiliza diversas ligações informáticas a esse projecto, sediado na universidade de Tübingen.

É de sublinhar o facto de serem abordados conjuntamente, nesta obra, os aspectos teóricos da questão das tradições discursivas, as questões metodológicas e os aspectos concretos que tentam ou identificar tradições discursivas particulares ou relacionar as evoluções de certos fenómenos linguísticos com certas tradições discursivas.

Para além dos contributos gerais que as implicações teóricas do conceito de tradições discursivas trazem à teoria da linguagem, esta obra interessa de um modo particular aos investigadores que estudam temas relacionados com a mudança linguística, a história das línguas românicas, a história da língua espanhola, a gramática histórica em geral. É sobretudo nestes domínios que as diversas propostas teóricas e metodológicas aqui apresentadas se mostram inovadoras pelo tratamento pluridimensional de *corpora* históricos e pela renovada con-

jugação de uma tradição filológica de investigação dos textos com as mais recentes correntes da ciência linguística.

REFERÊNCIA

Jacob, D.; Kabatek J. (Eds.). 2001. *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica: Descripción gramatical - pragmática histórica – metodología*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert Iberoamericana.

